

## VIDAL DE NEGREIROS: UM HOMEM DO ATLÂNTICO NO SÉCULO XVII

Ângelo Emílio da Silva Pessoa\*

### Resumo

André Vidal de Negreiros se notabilizou na resistência contra os holandeses nas Capitânicas do Norte. Após sua expulsão, Vidal governou o Maranhão, Pernambuco e Angola (entre as décadas de 1650 e 1660), numa trajetória que o envolveu com questões, como a reorganização da produção açucareira e do tráfico de escravos, a questão indígena e as disputas por jurisdição entre diferentes instâncias de poder na colônia. Vidal obteve fama e riqueza e, posteriormente, foi elevado à condição de herói nacional no século XIX, por seu papel nas guerras holandesas. Acompanhar sua trajetória é perceber os meandros do poder no mundo colonial e a construção do herói pela historiografia posterior.

**Palavras-chave:** Administração Colonial – Guerra – Escravidão.

### Abstract

André Vidal de Negreiros became remarkable for his resistance against the Dutch in the North Captaincies. After their expulsion, Vidal governs Maranhão, Pernambuco and Angola (between the decades of 1650 and 1660), being involved in questions like the reorganization of the sugar production and of the slave trade, the indigenous issues and the jurisdiction dispute among different branches of power in the Colony. Vidal achieved wealth and fame and, later, in the XIX century, he turns out to be a national hero, due to his role in the Dutch battles. To follow his trajectory is to observe the meanders of the power in the colonial world and the construction of the hero by the posterior historiography.

**Keywords:** Colonial Administration – War – Slavery.

*Tem V.M. mui poucos nos seus reinos que sejam como André Vidal; eu o conhecia pouco mais que de vista e fama (...) pelo que toca ao serviço de V.M. (de que nem ainda cá me posso esquecer) digo a V.M. que está André Vidal perdido no Maranhão, e que não estivera a Índia perdida se V.M. lha entregara.*

Carta do Padre Antônio Vieira ao Rei D. João IV, Pará, 6 de Dezembro de 1655 (VIEIRA, 2003: 455-456)

Foi nesses os termos que o Padre Vieira se referiu a André Vidal de Negreiros, quando este se afastava do governo do Maranhão, para assumir a governança de Pernambuco, naquele mesmo ano. A fama de Vidal vinha desde os tempos das lutas contra os holandeses pela restauração do nordeste para a Coroa portuguesa. Ao longo de sua vida obteve posições de importância no mundo colonial, e sua trajetória é uma interessante caminhada de um filho de

---

\* Ângelo Emílio da Silva Pessoa é Doutor em História Social pela USP e Professor de História na Universidade Federal da Paraíba. [angelopessoa@ibest.com.br](mailto:angelopessoa@ibest.com.br). Esse artigo é resultado preliminar de uma pesquisa que desenvolvemos junto ao Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba. O autor agradece as sugestões de Rosa Godoy Silveira e Paulo Valadares.

portugueses que nasceu na colônia e alcançou uma destacada posição na hierarquia do poder no âmbito do Império.

Vidal nascera na Paraíba, em data ignorada, no início do século XVII; as fontes secundárias discordam quanto a datas possíveis que vão de 1602 a 1620<sup>1</sup>. Sua filiação também não é das mais conhecidas, se para alguns se atribui ao seu pai a condição de dono de engenho, de pequeno lavrador de canas ou um bombardeiro, para uma sarcástica fonte holandesa da época seu pai era um modesto carpinteiro:

*André Vidal de Negreiros apareceu em Recife, sob o pretexto transparentemente frágil de dizer adeus ao velho pai, 'que era um pobre carpinteiro da Paraíba, a quem estava ele tão ansioso de rever quanto eu estaria de ver o rei do Congo'. (BOXER, 1961: 228).*

O certo, porém, é que o jovem Vidal tornou-se um militar de renome, homem de fortuna e desempenhou importantes cargos nos governos das colônias. Nos séculos que se seguiram à sua morte, foi elevado à condição de um dos heróis do nativismo brasileiro, com direito a estátuas, nome de praças e avenidas, imagem em selos postais, entre outras.

O nascimento é importante para entender as possibilidades de ascensão naquela sociedade. Nascer numa família de escol conferia distinção e certas marcas – ou defeitos de sangue ou mecânicos – poderiam criar sérios obstáculos. Não obstante, os méritos ou a riqueza poderiam, em alguns casos, atenuar ou até mesmo apagar marcas desfavoráveis do nascimento. O caso de João Fernandes Vieira era singular; sua origem obscura, em Funchal, na Ilha da Madeira, chegou a ser alvo de comentários desairosos, conforme um anônimo coevo: “veyo este Senhor a esta terra e Capitania de Pernambuco da Ilha da Madeira donde he natural e filho de uma mulata rameira a quem chamão a Bemfeitinha e de hum homem que lhe dão por pay, que foi ali degredado em titulo de ladrão” (MELLO, 2000: 23). Independente da veracidade dessa suposta origem desabonadora, Vieira tornou-se membro proeminente da sociedade local e homem respeitado por seus pares.

O caso de Vidal de Negreiros é pouco claro e essa questão continua dependente de novas investigações. Na História da Guerra Brasílica, de Francisco de Brito Freire, o primeiro comentário sobre Vidal é o seguinte:

*“o ajudante André Vidal de Negreiros (...) com esforço singular e singular fortuna, principiando a crescer nos postos por que foi subindo a mestre-de-campo*

---

<sup>1</sup> Não há indicações precisas sobre seu nascimento, mas tudo indica que Vidal era nascido na Paraíba. Luiz Pinto indica que à época da ocupação holandesa da Bahia, em 1624, sua idade era de 18 anos, o que coloca o seu nascimento em 1606; também se refere ao fato de ser filho de um senhor de engenho. PINTO (1960: 28).

*e aos governos do Maranhão, Pernambuco e Angola, não teve pequena parte, assim no trabalho como na glória de quanto se foi obrando na guerra e na restauração do Brasil". (FREIRE, 2001: 236-237)*

Assim, de acordo com a fonte holandesa citada – interessada em desqualificar Vidal – esse era homem de modestas origens; seu biógrafo e seus panegiristas fizeram questão de aludir uma origem ligada à propriedade da terra; já Brito Freire, embora não faça menção às suas origens, destaca seus méritos, o que, ao final, serviu de base para apagar qualquer mancha ou defeito que, por acaso, seu passado familiar pudesse apresentar.

### **No Mundo dos Engenhos.**

O mundo no qual Vidal de Negreiros nasceu era uma das mais recentes fronteiras da conquista portuguesa em terras americanas. Como já mencionamos, as fontes secundárias indicam datas de nascimento em 1602, 1606 e 1620. Considerando-se essas marcas cronológicas, Vidal nascera entre 17 e 35 anos após a fundação da Cidade de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, que marcara a conquista portuguesa da região e a instalação da Capitania Real da Parahyba, após longas lutas envolvendo portugueses, franceses, potiguaras e tabajaras. Essa conquista, ainda instável, demandava um esforço intenso para consolidar a presença portuguesa; a penetração do litoral para áreas mais interioranas mal começara através de explorações na Serra da Copacoba e da concessão de sesmarias na várzea do Paraíba.

As complexas relações com os povos indígenas na região significavam um elemento central para a expansão das atividades econômicas dos colonos, uma vez que a Capitania Real da Paraíba representava uma expansão da economia açucareira que se desenvolvia a partir de Pernambuco. A instalação dos primeiros engenhos, implicava na necessidade de ocupar terras favoráveis, de obter mão de obra abundante e a custos acessíveis, de garantir a segurança dos colonos e seu abastecimento; questões cruciais para o sucesso da empreitada. A escravização de índios apresentava problemas consideráveis, envolvendo não apenas os indígenas e colonos (o que levava a lutas armadas de diferentes magnitudes), mas também os missionários Católicos, que instalaram os primeiros aldeamentos nas cercanias da Cidade. A relação entre essas Ordens, os colonos e as autoridades, tornou-se um ponto importante de conflitos que se estabeleceram em toda a colônia. Também começava por esse momento a se generalizar, estabilizar e regularizar o emprego da mão-de-obra escrava africana, através da consolidação

de fluxos que envolviam portos brasileiros e africanos, muito embora esse processo se tornasse num dos pontos nevrálgicos da expansão da colonização lusitana em território americano.

Assim, Vidal deve ter vivido num mundo marcado pela incerteza e pela presença da guerra no horizonte próximo. As incursões de índios contra colonos ou de colonos contra índios, ou ainda de corsários europeus, era um fator presente no cotidiano. Por outro lado, essa presença da guerra, abria condições para que homens de origens modestas aspirassem uma ascensão social, em função de notórios feitos de armas que viessem a realizar.

### **O Açúcar, a Guerra e outros conflitos.**

Em 1630, Pernambuco e as Capitânicas vizinhas foram sacudidas com o assalto holandês a Olinda, que se tornou o primeiro ato de um conflito de décadas pelos territórios do norte açucareiro. A ocupação holandesa, estudada por Evaldo Cabral de Mello em seu clássico *Olinda Restaurada*, resultou numa ordem quase permanente de conflitos e na necessidade de reconfiguração da produção e comércio do açúcar, bem como do trato de escravos na África. Ao final de 24 anos de presença batava, a restituição da região aos domínios lusitanos – numa guerra em que se notabilizaram Vidal, Fernandes Vieira, Filipe Camarão e Henrique Dias – não trouxe a imediata resolução dos problemas, mas vieram à tona uma série de questões que marcariam aquela sociedade pelas décadas seguintes. Por outro lado, a situação da metrópole, restaurada em 1640, era periclitante e não foi fácil garantir a própria independência portuguesa e de seus domínios coloniais, frente às forças européias que se digladiavam no cenário mundial.

A reorganização da produção açucareira implicava na necessidade de financiamento para compra de escravos e re-equipamento dos engenhos, mas os capitais eram escassos. Por outro lado, instalou-se um conflito generalizado em torno da propriedade sobre as terras confiscadas pelos holandeses e compradas por particulares. O retorno de antigos proprietários, anteriores à ocupação holandesa, que reivindicavam sua devolução, resultou em batalhas jurídicas e ódios pessoais que sacudiram a vida da Capitania.

Os orgulhosos donos de engenhos (chamados por Cabral de Mello de açucarocracia) se viam endividados com comerciantes do porto de Recife e reivindicavam benesses à Coroa, uma vez que pretextavam a devolução das Capitânicas do Norte à Coroa à custa de seu sangue e fazendas, fazendo jus a um tratamento especial. Como os governantes nomeados para a região iriam resolver esses conflitos era questão delicada. Além de tudo, a reorganização

administrativa resultava na disputa sobre jurisdições, que opunham autoridades diversas, seja por motivos substantivos e negócios, seja por rivalidades e ódios pessoais que contribuía para envenenar ainda mais o ambiente.

Assim como outros chefes restauradores, Vidal recebeu da Coroa honrarias e o reconhecimento dos serviços, através de sua nomeação para o governo do Maranhão, onde chegou em 1655 e permaneceu até o ano seguinte. Em terras maranhenses Vidal se defrontou com uma precária presença portuguesa, após a expulsão dos franceses em 1615 e uma breve ocupação holandesa entre 1641 e 1642; tal situação se agravava com um crescente conflito entre colonos e a Companhia de Jesus pela catequese e controle da mão-de-obra indígena. Vidal estava munido de um Regimento e impôs limites aos colonos, o que lhe valeu o reconhecimento do Padre Vieira, que estava envolvido com atividades missionárias na região. Assim, determinava o item 3 do Regimento:

*favorecereis muito aos Religiosos e Pregadores, e a todas as outras pessoas Eclesiásticas que nele não de tratar da conversão dos Infieis, procurando que sejam muito respeitados dos Portugueses, e de toda a outra gente... (MENDONÇA, 1972: 700).*

Seja como for, Vidal não permaneceu tempo suficiente para se envolver de forma mais aguda nos conflitos maranhenses e, nos anos seguintes à sua saída, essas disputas recrudesceram e os jesuítas acabaram expulsos em 1661 por colonos descontentes.

Assumi o governo de Pernambuco em 1657, estando à frente de uma das Capitânicas mais importantes do Império português. Substituí a Francisco Barreto de Menezes, que exercera o governo no momento da restauração, para o que obtivera poderes muito amplos e especiais. Vidal lutou para confirmar essas prerrogativas para seu governo e entrou em atritos com o mesmo Francisco Barreto que, então assumia o Governo Geral na Bahia. Nessa contenda por jurisdição, além do fogo das vaidades e brios pessoais, pesava o controle de importantes postos de governo e a definição de políticas que interessavam diretamente à açucarocracia local e influíam nos negócios de produtores e comerciantes.

Nesse confronto Vidal representou as aspirações dos senhores de engenho, que aspiravam um governo ao seu talante, para determinarem as políticas para a recuperação econômica, se livrarem das amarras políticas das autoridades da Coroa, bem como das amarras econômicas dos comerciantes do Recife. Vidal, procurou garantir a nomeação dos principais cargos, imiscuiu-se em questões nas Capitânicas vizinhas, executou determinações reais da alçada do Governo-geral, entre outras questões. Barreto revidou institucionalmente e essa situação de conflito de autoridade se exacerbou, usando Vidal de todo o seu prestígio

para garantir essas prerrogativas<sup>2</sup>. Esse enfrentamento entre autoridades, prolongou-se nas décadas seguintes e teve seu ápice no início do século XVIII, quando os senhores de engenho pernambucanos, organizados em torno da Câmara de Olinda, partiram para o enfrentamento armado contra os comerciantes de origem lusitana, que dominavam a Câmara do Recife, que então obtinha a sua autonomia, no episódio celebrizado como a Guerra dos Mascates.

### **A luta pelas mãos e pés do senhor de engenho.**

A célebre frase de Antonil, que comparava os escravos às mãos e pés de seus senhores, tinha toda a razão de ser no universo do mundo colonial. Desde as últimas décadas do século XVI a escravidão se generalizou e, além da sempre controversa escravidão indígena, se estabeleceu um fluxo crescente e contínuo de escravos africanos, que abasteciam os portos da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco para servir de mão-de-obra para as lavouras, mineração e diversas atividades econômicas na colônia.

Essa questão se mostrou com toda a sua amplitude quando se deu a ocupação holandesa de Pernambuco e das Capitanias vizinhas a partir de 1630. Ciente de que para efetivar o domínio do Brasil e a produção açucareira era necessário garantir as fontes de abastecimento de escravos na África, a Companhia das Índias Ocidentais determinou o curso contra navios portugueses traficantes de escravos e acabou por determinar a ocupação dos principais entrepostos escravistas africanos, e assim se deu em 1637, com a ocupação de São Jorge da Mina, na costa da Guiné, e em 1641, de São Paulo de Luanda, em Angola.

A recuperação das praças africanas era condição para a recuperação de Pernambuco e para a manutenção e exploração da Bahia e do Rio de Janeiro. Tanto assim que, em 1648, Salvador Correia de Sá, comandando forças que saíram do Rio de Janeiro, retomou Luanda, Benguela e São Tomé<sup>3</sup>. Nesse contexto, além da restauração portuguesa sobre Angola, era inegável a influência de interesses de colonos do Brasil na região. Era, como denominado por Luiz Filipe de Alencastro, uma Angola brasílica que se delineava, um controle de interesses de colonos do Brasil, que se colocava, de certa forma, à margem do controle metropolitano. Após Salvador de Sá (1648-1652) e seus sucessores imediatos em Angola, coube o seu governo a João Fernandes Vieira (1658-1661), que acabara de sair do governo da Paraíba, recebido logo após à restauração pernambucana. No governo angolano, Vieira dedicou-se a restabelecer a plenitude do tráfico de escravos e entreteve relações com as chefias locais, no

---

<sup>2</sup> ACIOLI (1997).

<sup>3</sup> BOXER (1973).

sentido de explorar as guerras africanas em benefício do apresamento de escravos. Vidal se afastou do governo de Pernambuco em 1661, para assumir o governo de Angola no ano seguinte.

Em Angola, Vidal continuou a política de Vieira. As ofensivas desenvolvidas a partir do governo de Luanda visavam garantir a lealdade dos chefes aliados e submeter a ferro e fogo os inimigos. Pressão especial passou a ser exercida sobre o Rei do Congo, que apesar de ser considerado um aliado, acabava por opor alguns obstáculos à expansão dos interesses escravistas, vitais para a reorganização da produção açucareira na outra margem do Atlântico. Os Reis do Congo ostentavam o título de reis cristãos, tendo recebido do próprio Papa em Roma uma Coroa que simbolizava esse reconhecimento de integrar o grêmio da Igreja Católica, mas Vidal buscou contornar os obstáculos de ordem jurídica e religiosa para justificar um ataque ao reino do Congo.

Em 1665, Vidal conseguiu anuência religiosa para atribuir ao Rei D. Antônio I do Congo, o Mani Mulaza, o caráter de cismático e idólatra, criando um pretexto para um ataque justo àquele reino. Assim, as tropas de Vidal desbarataram o exército de D. Antônio I e o mataram, na Batalha de Ambuíla, determinando o fim da monarquia congoleza. Depois de Ambuíla o reino do Congo foi dividido por lutas intestinas e os interesses dos mercadores de escravos foram bastante favorecidos<sup>4</sup>.

### **O retorno e o legado de Vidal.**

Do outro lado do Oceano as coisas se precipitavam. O governador de Pernambuco, Jerônimo de Mendonça Furtado, enfrentava forte oposição da açucarocracia e tais divergências evoluíram para um conflito agudo. Em 1666, alguns senhores de engenho de Olinda aprisionaram o governador e o enviaram de volta a Portugal, com um vasto rol de queixas ao Rei. Os ecos da deposição do governador agravaram uma forte tensão política que se agudizou até às primeiras décadas do século seguinte<sup>5</sup>.

De retorno a Pernambuco, em 1667, Vidal foi escolhido pela açucarocracia para substituir Mendonça Furtado. A Coroa aguardou o desenlace do caso para evitar ferir suscetibilidades e agravar o quadro. Manteve Vidal no governo e escolheu o novo Governador para sucedê-lo alguns meses depois. Apesar da ousadia dos senhores de engenho de aprisionar um governador nomeado pelo Rei e colocar outro no seu lugar, a Coroa evitou uma reação

---

<sup>4</sup> ALENCASTRO (2000).

<sup>5</sup> MELLO (1995).

mais enérgica, até devido às circunstâncias particulares do momento, com a extrema delicadeza do controle luso sobre suas possessões.

Após 1667, Vidal passou a administrar diretamente os seus negócios. Instalou-se em seu engenho Itambé, onde faleceu em 1680. Em seu testamento instituiu o Morgado de Nossa Senhora do Desterro, em favor de seu filho Matias Vidal de Negreiros, mas a fortuna acabou se dispersando a partir das acerbadas disputas que engalfinharam membros da família.

A par de não ter conseguido consolidar uma posição de maior proeminência ou de poder para seus descendentes, foi elevado à condição de um dos heróis da nacionalidade, destacado por Francisco Adolfo de Varnhagen como o legítimo representante dos brasileiros na gloriosa restauração do solo nordestino ao corpo da nação:

*“André Vidal era homem tão superior que necessitava um Plutarco para apreciá-lo. Enquanto empreendeu, sempre com muito esforço e valor, não levava a mira no prêmio, nem talvez nesse mesmo fantasma da glória que tantas vezes nos embriaga; tudo fez pelo zelo e amor do Brasil, ou por caridade cristã. (VARNHAGEN, 1975: 94).*

Nessa perspectiva, as lutas contra os holandeses, representaram os germes da nacionalidade que brotava no combate ao invasor estrangeiro e não-católico. Na tetrarquia de heróis que se criou, Vidal, um branco de origem brasileira, unido a um reinol (Vieira), a um índio (Camarão) e a um negro (Dias), afirmariam esse nativismo. Segundo Varnhagen, o papel de Vidal seria superior ao dos outros restauradores e caberia àquele o papel de verdadeiro e inequívoco herói da nacionalidade. Vidal também teve uma trajetória mais pontual de ser elevado a herói local. Na esteira do que se estabeleceu pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano o enalteceu como herói paraibano<sup>6</sup>.

Assim, podemos enxergar esse personagem como um homem do Atlântico no século XVII, ligado às vicissitudes do Império colonial português que se reconfigurava em função do avanço de novos impérios em luta pela hegemonia. Portugal, que esteve na dianteira da expansão marítima de fins do século XV e início do XVI, recuava frente a novas potências, que lhe impuseram pesadas perdas. Boa parte das possessões asiáticas foi perdida e foram necessários muitos esforços para garantir a própria sobrevivência do Reino. De acordo com as esperanças do Padre Vieira, a Índia não estaria perdida, caso houvesse por lá homens como Vidal de Negreiros. Não poderíamos garantir que tal acontecesse, mas podemos deduzir que começou a se forjar por ali a legenda do herói.

---

<sup>6</sup> SILVA (2006).



## **BIBLIOGRAFIA**

- ACIOLI, Vera Costa. *Jurisdição e Conflitos: aspectos da administração colonial – Pernambuco – Século XVIII*. Recife: UFPE, 1997.
- ALENCASTRO, Luís Filipe. *O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOXER, Charles R. *Os Holandeses no Brasil (1624-1654)*. São Paulo: Nacional, 1961.
- BOXER, Charles R. *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola (1602-1686)*. São Paulo: Nacional/ Edusp, 1973.
- FREIRE, Francisco de Brito. *Nova Lusitânia, História da Guerra Brasílica*. São Paulo: Beca, 2001.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *A Fronha dos Mazombos: Nobres contra Mascates – Pernambuco 1666-1715*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada: Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630/1654*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; São Paulo: Edusp, 1975.
- MELLO, José Antônio Gonsalves de. *João Fernandes Vieira: Mestre de Campo do Terço de Infantaria de Pernambuco*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/ Centro de Estudos de História do Atlântico, 2000.
- MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *Raízes da Formação Administrativa do Brasil*. T. II. Rio de Janeiro: IHGB; Brasília: Cons. Federal de Cultura, 1972.
- PINTO, Luiz. *Vidal de Negreiros: afirmação e grandeza de uma raça*. São Paulo: Alba, 1960.
- SILVA, Ana Beatriz Barros. *André Vidal de Negreiros: a necessidade da construção de um herói verdadeiramente paraibano*. IN: *Saeculum*. [14]; João Pessoa: UFPB, jan.-jun. 2006. pp. 159-171.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. T. III. 8 ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1975.
- VIEIRA, Pe. Antônio (1608-1697). *Cartas do Brasil*. São Paulo: Hedra, 2003.